



## CARLOS DELGADO DE CARVALHO: IDÉIAS E IDEAIS

Eurípides Cardoso de Menezes

Com o desaparecimento de Carlos Delgado de Carvalho perdeu o Brasil um de seus maiores valores, uma personalidade de exceção, exemplo de honestidade intelectual, de operosidade, de acendrado e esclarecido patriotismo, e cuja obra enriqueceu sobremaneira o nosso patrimônio cultural.

Data de abril de 1884 a primeira notícia a seu respeito. Escrevendo de Paris ao Imperador D. Pedro II, dizia-lhe com familiaridade a Condessa de Barral que no dia 10 a Lidia Tourinho havia dado à luz um menino, que era, porém, tão fraquinho que seria capaz de jurar que não vingaria. Mas a criança vingou e viveu 96 anos muito bem vividos. A mãe é que não sobreviveu, pois veio a falecer vinte dias depois.

Nascido na Legação Brasileira em França, em que exercia seu pai, Carlos Dias Delgado de Carvalho, as funções de Secretário, e batizado na igreja de Saint

Philippe de Rouille, em Paris, foi entregue o pequenino órfão aos cuidados de sua avó materna, que morava em Londres com uma filha casada. E pela avó e por esses tios, que não tinham filhos, foi criado até os 7 anos, quando seu pai, casando-se pela segunda vez, resolveu levá-lo consigo para Montreux.

Em consequência, porém, das frequentes desinteligências entre o menino e sua madrastra, mais velha do que ele apenas oito anos, determinou o pai interná-lo num colégio dos Dominicanos em Lyon. Ao recebê-lo, pergunta-lhe o diretor quais as línguas que conhecia, respondendo o menino, de 11 anos, que falava inglês, francês, um pouco de alemão, e que também entendia o português, embora o não falasse.

— E de História, que sabe você?

— A História, conheço toda, desde Adão a Sady Carnot (na época presidente da França).

— Pois bem, pode então se despedir de seu pai.

E o menino o acompanha até um portão grande, de ferro. E enquanto o ex-diplomata se distancia, acena-lhe o garoto em despedida, dizendo, entre lágrimas, consigo mesmo:

— Não compreendo meu pai. Soltou-me, primeiro, como a um passarinho... e agora me prende aqui!

Com efeito, tendo vivido dos sete aos onze anos inteiramente livre em Montreux, às margens do lago Genebra, dera-lhe o pai, pouco antes de o internar, um bilhete para viajar de trem, sozinho, pela Alemanha... E, logo depois, a reclusão!

No colégio ficara só, longe do mundo e de todos os seus queridos. Em Londres, a avó, inconsolável, não suportando a dolorosa separação, falecia logo após a sua partida. E, desde então, desconheceria o menino por muito tempo o que fosse uma vida em família.

Quanto às suas recordações do tempo de colégio, dizia que o dia de que mais gostava era o sábado. Era o dia das batatas fritas... Esse, aliás, até a velhice, o seu prato predileto.

Comentava também na intimidade ser costume no colégio tomar-se banho apenas uma vez por mês. Dividiam-se os alunos em grupos: cada semana era um grupo que se banhava. Mas sempre havia os recalcitrantes, que se diziam doentes, resfriados, apresentando um pretexto qualquer para se livrarem do banho. E o "Carlôs" (como lhe chamavam) se oferecia sempre como "voluntário" para os substituir.

Aos 18 anos deixava o colégio; e não querendo viver com o pai, então em Lausanne, na Suíça, sentou praça no Exército francês. Não sabia que assim perderia a sua nacionalidade, pelo que

teve, mais tarde, de se tornar de novo brasileiro pela naturalização.

Optando pela Cavalaria, pretendia cursar Saint Cyr e fazer carreira. Vítimado, porém, pelo tifo, em manobras realizadas em Marselha, frustrou-se-lhe o intento.

Sua grande recordação dessa época seria a "Bagace", uma égua do exército, muito mansa, que lhe tinha sido destinada. E aqui um pormenor que não escaparia a um psicólogo: de tal maneira se afeiçoara à "Bagace" que dormia frequentemente com a cabeça recostada no dorso do animal. Por aí se pode imaginar quão carente de afeto se sentia!

Preso pelo tifo vários meses num hospital militar, entre a vida e a morte, chegou a receber a extrema-unção. Restabelecido, não pôde, porém seguir a carreira militar, nem mesmo na Legião Estrangeira, espécie de batalhão suicida que então operava na Argélia.

Foi a Lausanne visitar o pai, que o queria diplomata. E seguiu para Paris, entrando em 1905 na "École Libre des Sciences Politiques". Dividia o quarto com o que foi o seu maior amigo na "Cidade Luz", Pierre Daniel, que veio a ser grande médico homeopata e a quem sempre se referia. Falava também com muito carinho de uma fiel empregada que lhe arrumava o quarto, por ele apelidada de "Curigane".

Em Paris teve vida mais livre e alegre. Frequentava a Ópera, mas como "penetra", pois era pouco o dinheiro que a mãe lhe deixara. E para reforçar a sua caixa, escrevia para jornais franceses e suíços artigos sobre política internacional, que às vezes desagradavam ao pai, monarquista ferrenho; tanto mais que os leitores de Carlos Delgado de Carvalho, como se assinava o redator, poderiam confundir o pai com o filho. Chamandó-

se pai Carlos Dias Delgado de Carvalho, passou ele então a se assinar Carlos Miguel Delgado de Carvalho, o que fez, porém, só por pouco tempo.

Vivia em Paris no meio dos exilados brasileiros que deixaram a pátria quando da proclamação da república. Eram estes, como seu pai, monarquistas, pelo que, na sua exaltação exacerbada, pareciam mesmo odiar a sua pátria, a que se referiam desdenhosamente.

Em Paris teve oportunidade de frequentar a casa da Princesa Isabel, onde se familiarizou com os doces brasileiros e as estórias saudosistas do Conde D'Eu a falar afrancesadamente de "Perrebebuí" e "Campô Grandê" (batalhas da guerra do Paraguai).

Desejava, porém, ardentemente saber se era mesmo tão detestável aquele país onde nasceram seu pai e sua mãe, onde seu bisavô, um dos fundadores do Banco do Brasil, e pertencente à nobreza, fora tão respeitado.

Terminado o curso na Escola de Ciências Políticas de Paris e tendo, para se douturar, de defender uma tese, desejava fazê-la a respeito do Brasil.

Um tanto confuso, porém, pelo que sempre ouvia contra o seu país, foi a Lausanne em visita ao pai, encontrando casualmente o Encarregado de Negócios de Portugal na Suíça — Alberto d'Oliveira, que lhe deu este conselho:

— Vá, meu filho, primeiro porque o Brasil é a sua pátria; e em segundo lugar porque é de fato um país promissor, e onde você terá o futuro à sua frente.

O pai, irredutível, chegou a ameaçar: se pusesse os pés no Brasil, cortaria relações com ele e o deserdaria. Os amigos brasileiros tentaram dissuadi-lo. Quanto mais o faziam, porém, mais decidido se tornava. E veio, afinal, conhe-

cer esta sua pátria, que tão enternecidamente amou.

Custou-lhe essa viagem 600 mil réis; e a herança também, pois o pai, inconformado, doou à esposa a parte que tocava ao filho, e esta, ao morrer, a transferiu à municipalidade de Lausanne. Hoje ainda existe ali a "Rue Delgado de Carvalho" em homenagem ao "benfeitor da cidade". Poderia certamente ter reivindicado os seus direitos. Mas não o quis fazer. Tudo o que depois veio a possuir foi produto exclusivo de seu próprio esforço.

Chegando ao Rio a 13 de agosto de 1906, com 22 anos, foi recebido com a maior cordialidade por um de seus amigos de Paris — Mathias Roxo, que logo o levou para o seio de sua família, Monteiro de Barros, residente na rua Senador Vergueiro. Foi quando pela primeira vez começou a ter vida em família, que se dividia entre o Rio, Paris e a fazenda de Três Poços, perto de Volta Redonda, no Vale do Paraíba.

Conhecendo a jovem Maria Vera Roxo, irmão do seu amigo Mathias, tornou-se seu noivo, intimamente, no mesmo dia.

Terminada a sua tese, intitulada "Un Centre Economique au Brésil — L'Etat de Minas", editada em 1910, voltou a Paris, defendeu-a, doutorou-se, e foi a Lausanne procurar o pai, que o recebeu friamente. Retornando ao Rio, casou-se a 9 de janeiro de 1908; e começou a sua vida de jornalista como redator de política internacional do Jornal do Comércio, onde também começava um jovem recém-chegado de Pernambuco, Assis Chateaubriand.

É dessa época (1910) o seu livro "Le Brésil Meridional", que escreveu em francês. Aliás seus artigos para o Jornal do Comércio eram também feitos em francês e posteriormente traduzidos

Mas aprendeu rapidamente o português, tanto assim que em 1913 publicava a sua célebre "Geografia do Brasil", dedicada ao Imperador Pedro II, livro que lhe valeu o título de "pai da nossa Geografia Moderna". Contou Delgado de Carvalho à Revista do Gaz (junho de 1975) que escreveu esse livro porque: "A geografia brasileira era ainda estudada por Estado. Em nenhum país se estudava Geografia assim. Então achei que devia fazer alguma coisa".

E seu interesse inicial pela Geografia é assim explicado: ao chegar ao Brasil Delgado de Carvalho comprou três livros — um de História, outro de Geografia e o terceiro de Gramática. A história, de João Ribeiro, achou interessante; péssima a Geografia, cujo autor delicadamente nunca mencionou; e a Gramática, com tantas exceções... que resolveu ser ele mesmo outra exceção, ao escrever...

Nascera, porém, Delgado de Carvalho para professor. Aliás, "Bachelier de l'Enseignement secondaire classique" (28 de setembro de 1905), e quando em Lausanne tentava aproximação com o pai, já se iniciara no magistério lecionando, nesse ano de 1905, História Moderna no Colégio Champitet.

Em 1920, abrindo-se concurso para catedrático de Inglês no Colégio Pedro II, candidatou-se apresentando a tese intitulada "Esboço Histórico da Origem e Formação da Língua Inglesa". Seus opositores tentam afastá-lo sob a alegação de ser ele estrangeiro!

O bisneto do Visconde de Itaboraí (e por isso proclamado depois cidadão de Itaboraí), o filho de um diplomata brasileiro, nascido na própria Legação do Brasil, o patriota que arrostava com tantas dificuldades e que até deserdado fora unicamente por seu amor à Pátria, apontado como estrangeiro!

Com efeito, por ter servido no Exército francês havia mesmo perdido a nacionalidade brasileira, do que só deu conta diante da inesperada hostilidade de seus concorrentes.

Informado dos intentos dos adversários pelo Conde Carlos de Laet, naturalizou-se silenciosamente e derrotou os adversários exibindo seus documentos de naturalização.

Deixa, porém, pouco depois a cadeira de Inglês para lecionar sociologia no Pedro II, de que acabaria diretor durante a efervescência provocada pela revolução de 1930. Sua nomeação, pelo decreto 19.398, constituiu uma feliz iniciativa do governo no sentido do apaziguamento geral.

Em princípios de 1931, acalmados os ânimos, coloca Delgado de Carvalho em seu lugar o Professor Henrique Dods-worth, cujo primeiro ato foi o de o nomear como Vice-Diretor. E orgulhava-se Delgado de Carvalho de poder ostentar a sua carteirinha-credencial de Vice-Diretor do Colégio Pedro II, cargo do qual não pedira demissão e de que nunca foi exonerado.

Certa vez, bem idoso, indo ao Pedro II a visitar o seu amigo Professor Roberto Bandeira Accioli, exibiu, com orgulho, ao velho porteiro Riziero a sua carteirinha...

Foi, pois, diretor do colégio em 1930—31, e daí por diante, vice-diretor até morrer.

Em 1923, ainda professor do Pedro II, passou a ocupar também a Cadeira de Sociologia como Catedrático da antiga Escola Normal, depois Instituto de Educação.

Nesse período escreveu várias de suas obras sobre Sociologia, sendo também dessa época dois dos três únicos livros que dedicou: a "Corografia do Distrito

Federal", às Professoras Primárias; e a "História da Cidade do Rio de Janeiro", à memória de Pereira Passos, por ele considerado um grande prefeito, e a Alfredo Américo de Souza Rangel, seu amigo e concunhado, que considerava como o seu pai no Brasil. Além dele, podem ser considerados amigos pelos quais nutria especial predileção Wanda Torok, Jorge Zarur, e, mais que todos, Therezinha de Castro.

Como catedrático de Sociologia no Instituto de Educação, lecionou sem jamais requerer aposentadoria. Certo dia descobriu-se, porém, que três meses antes já havia completado os seus 70 anos, sendo então, para tristeza sua, compulsoriamente aposentado.

Em 1936, fundando-se a Universidade do Distrito Federal, tornou-se Catedrático de História Contemporânea, tendo ocupado também, por pouco tempo, a Cátedra de Geografia do Brasil.

Em 1939, transformando-se a Universidade do Distrito Federal em Universidade do Brasil (atual UFRJ), foi sua Cátedra ampliada para História Moderna e Contemporânea.

Também não pediu aposentadoria desse cargo, que lhe veio compulsoriamente, o que muito o amargurou, mesmo porque ninguém havia mais válido do que ele; por isso foi contratado para lecionar no curso de Jornalismo da Faculdade Nacional de Filosofia, permanecendo nessa atividade de 1954 a 1960. Foi quando começou a lhe faltar a voz em virtude de um pequeno processo cancerígeno nas cordas vocais, felizmente atalhado a tempo.

A partir de 1954, aos 70 anos de idade, quando outros declinam e param, iniciou Delgado de Carvalho a fase, que durou ainda 23 anos, da mais intensa produção intelectual ao se tornar sua

assistente a antiga e queridíssima discípula Therezinha de Castro, a quem ele transmitiu também o gosto pela Geopolítica.

Dai por diante passaram a trabalhar juntos diariamente, primeiro na Sede do IBGE, e nos últimos anos, na sua própria residência em Copacabana, de manhã à noite, na mesma sala, escrevendo de parceria ou produzindo suas obras individuais.

A partir de então deixou o magistério. Infatigável, porém, passou a prestar o seu concurso com o maior afinco ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), do qual foi um dos fundadores ao lado de Teixeira de Freitas. Em 1960, sendo Presidente do IBGE o Dr. Jurandir Pires Ferreira, lançou Delgado de Carvalho pela primeira vez, tendo como co-autora a Professora Therezinha de Castro, o "Atlas de Relações Internacionais", que só reapareceria sete anos depois, em fascículos, dentro da Revista Brasileira de Geografia, que o publicou durante dez anos consecutivos (1967-77).

Na longa relação de suas obras se destaca a "Météorologie du Brésil", livro considerado então o mais completo na matéria, escrito durante a Primeira Guerra Mundial, no Museu de Londres, quando correspondente de guerra. Graças a essa obra (1916) foi feito no ano seguinte Conselheiro da Royal Meteorological Society of London.

A "Météorologie du Brésil" valeu também a Delgado de Carvalho a medalha J. Jansen. Em sua carreira ascensional, ainda durante o Primeiro Conflito Mundial, era nomeado Delegado do Brasil à Conferência da International Scientific Organization (1918).

A fama de Delgado de Carvalho levou o Ministro da Guerra João Pandiá Caló-

geras a nomeá-lo também, a 25 de maio de 1921, conferencista das Escolas de Intendência, para as quais produziu em fascículos a "Geografia Econômica da América do Sul" e a "Fisiografia do Brasil".

No Brasil foi nomeado a 2 de fevereiro de 1921 por Atrojado Lisboa, diretor do Serviço Pluviométrico, que tinha por finalidade organizar o serviço de estatística e coleta de dados físico-econômicos da área do nosso "Polígono das Secas", que delimitou sem injunções políticas; foi quando elaborou os 56 mapas sobre o nordeste brasileiro.

Não quis o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro dispensar a colaboração de Delgado de Carvalho e o elegeu a 18 de março de 1916 para o cargo de Professor Extraordinário da Escola de Altos Estudos.

Foi Delgado de Carvalho de 1910 a 1976 um escritor infatigável. Certo dia, em janeiro de 1977, com 93 anos, sentado à mesa em que costumava passar o dia todo a escrever (das 7 às 18 horas) diz à sua fidelíssima colaboradora: "Minha filha, não vou poder fazer mais nada... Estou baixando". E depôs a caneta sobre a mesa. Efetivamente, daí por diante foi declinando sempre e se apagando até depôr, a 4 de outubro de 1980, a sua alma nas mãos de Deus.

Seus últimos livros foram tão brilhantes e preciosos quanto os primeiros: "História Diplomática do Brasil", feito com o material de suas aulas quando Professor do Instituto Rio Branco (1959); "Organização Social e Política Brasileira", quando o Conselho Federal de Educação criou a nova matéria; "História das Américas", desdobrado num trabalho didático para o MEC; e "História Documental (Moderna e Contemporânea)" que na dedicatória do exemplar

oferecido à sua discípula Therezinha de Castro classifica como último trabalho de sua vida (1976).

Foi condecorado com a Ordem Nacional da Legião de Honra da França; cujo distintivo sempre trazia na lapela; recebeu o prêmio Boilesen (1974), o último de sua vida; e foi o único brasileiro a receber a medalha David Livingstone (Centenário) oferecida, em 1952, por "The American Geographical Society".

De sua vida particular muita coisa interessante se pode registrar.

Educado na Inglaterra e na França, falava perfeitamente o inglês e o francês (inclusive com o sotaque parisiense e o marseilhês); e ainda o alemão, conhecendo também o grego. Se porém acontecesse zangar-se, era em francês que se expressava; se tinha insônia lia anedotas alemãs...

Dentre as recordações de infância costumava contar que, certa vez, com 5 anos de idade, fora levado a visitar, no hotel em que se hospedara em Paris, o nosso Imperador exilado. Impressionou-se o menino com aquele homem alto, vistoso, de olhos azuis, que o chamou para junto de si, beijando-lhe a testa; e dizendo-lhe algumas palavras carinhosas. Estranhou, porém, a voz fina do Imperador, que tinha desde a adolescência um defeito nas cordas vocais, o que contrastava com sua imponente figura.

Mas não é raro terem os grandes homens alguma excentricidade ou qualquer particularidade que os distingua. A de Delgado de Carvalho era de ser um péssimo fisionomista.

Certa vez, no início do Estado Novo, numa solenidade, dirigiu-se a ele um oficial que lhe disse ter ouvido e apreciado muito uma conferência sua.

— Muito bem, meu filho, mas quem é você?

Era nada menos que o Ministro da Guerra, o General Eurico Gaspar Dutra, cuja fisionomia, aliás, não seria muito difícil guardar.

Em 1964, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, cumprimenta-o muito amável um senhor que lhe diz ter sido seu aluno.

— Quem é este senhor? Pergunta discretamente à sua assistente.

— É o Castelo Branco...

— Mas quem é o Castelo Branco?

— O Presidente da República...

Aliás, de fisionomia também inconfundível...

Péssimo fisionomista e sempre distraído, numa de suas viagens a Nova York, estando a "Brazilian Bombshell" em pleno sucesso, perguntou-lhe um repórter que pensava ele de Carmem Miranda.

— "Who is Carmem Miranda?"

E foi esse o título dado pelo jornal à entrevista daquele que chegava aos Estados Unidos para ministrar um curso sobre o Brasil, resumido em seu trabalho "Lectures on Brazilian Affairs" (1940). Além desse curso, Delgado de Carvalho ia a Washington como Delegado do Brasil à XI Seção (Educação) do Oitavo Congresso Científico (10 a 18 de maio de 1940).

Homem de muito espírito, costumava, nas horas vagas, afim de espairecer, escrever peças de teatro, de crítica à nossa sociedade, que lia para os amigos mais íntimos. Mas só o "Canto da Sereia" é que foi publicado. As outras peças continuam inéditas.

Não usava guarda-chuva. "Eu perco o equilíbrio", dizia ele. Resguardava-se com o chapéu e a capa.

Detestava o automóvel e o táxi. Preferia viajar de bonde: "Veículo limpo e arejado". Suprimidos os bondes, viajava de ônibus ou de lotação. Este último,

por ser um transporte pequeno e mais rápido, costumava por brincadeira chamar de "tílburí", que também, por ser o mais rápido, era, na sua juventude, usado pelos médicos e parteiras.

Adorava as caminhadas a pé. Em Petrópolis, onde possuía uma casa de veraneio, costumava ir a pé de Valparaíso ao centro da cidade. E no Rio foi também a pé muitas vezes de Copacabana ao centro. Sua grande aflição, quando já bem idoso, era a de ser impedido de caminhar. E andava sempre que possível. Se se sentia mais fraco, levava-lhe a acompanhante uma cadeirinha de alumínio em que se sentava de vez em quando para descansar.

Foi melancólico o gradativo terminar de sua vida. Nos três últimos anos, no grande salão-biblioteca de seu apartamento, na esquina de Siqueira Campos com Avenida Atlântica, para onde se mudara em 1944, velhinho, cabisbaixo, dormitava a maior parte do tempo, cercado dos amigos e companheiros de toda a vida: os seus livros.

Nos rápidos momentos de lucidez costumava confidenciar: "Não sei o que será de meus livros quando eu morrer. Tenho verdadeiras preciosidades aqui dentro. Não gostaria que a minha biblioteca se dispersasse." De fato, do acervo bibliotecário de Delgado de Carvalho constam, as memórias de Metternich, de Tayllerand, a antiga Enciclopédia Larousse, a Britânica, atlas preciosos, etc.

Gostava especialmente das marchas militares e de modo particular da "Sambreuse"; e dos doces brasileiros, principalmente quando feitos pela sua fiel empregada Luiza Quintiliano, que o servia desde os 14 anos de idade. E não dispensava, no café matinal, a "marmalade", — geléia de laranjas à moda inglesa,

hábito adquirido em Londres, na primeira infância.

Metódico e perseverante, costumava, desde 1914, escrever todos os dias em pequena agenda anual, o seu "calepin", e em estilo telegráfico, todos os acontecimentos mais importantes. E, mimeograficamente, registrava, por exemplo: nascimento de alguém, com uma estrela; morte, com uma cruz; se cortava o cabelo, uma pequena tesoura; um casamento, duas alianças entrelaçadas, etc. Em seu armário de banheiro, sete aparelhos de barbear, um para cada dia.

Quando "cometia" um livro — como dizia — costumava fazer o plano segundo o número prefixado de páginas que cada capítulo ou item deveria ter. Em seguida iniciava o trabalho em blocos de folhas destacáveis ou cadernos. Escrevia então de um só jato, fluentemente, sem nunca fazer rascunho.

Não costumava pedir a ninguém que lhe prefaciasse as obras. A única exceção se encontra na sua "Geografia do Brasil", de 1913, com prefácio de Oliveira Lima, no qual se lê esta observação: "A educação estrangeira pôs nos estudos de Delgado de Carvalho mais método do que lhe podia inculcar a educação nacional — no Brasil há que ser muito autodidata — e o seu trabalho denuncia felizmente processos de ensino franceses, feitos com clareza e precisão. O caso de Delgado de Carvalho é parecido com o meu. Educados ambos fora da terra que nos fora berço, ainda que em atmosferas morais brasileiras, assim construídas pelos círculos de família e amigos, tanto mais sedutora nos parecia a pátria distante. A mim, encantou-se cedo a História. Ao Sr. Delgado de Carvalho, atraiu-o a Geografia, a terra de preferência à gente, e quando veio para o Brasil pôs-se a palmilhá-la e sobre ela escreveu dois li-

vros de impressões." Esses livros a que Oliveira Lima se refere são a tese de doutoramento e o seu célebre "Le Brésil Meridional".

Característica marcante de sua personalidade era também o senso de humor. Gostava de ser chamado pelos netos e bisnetos pelo seu apelido íntimo de "Bread", que considerava "um tratamento mais pessoal e autêntico". Estava sempre disposto a fazer galhofas e observações jocosas; e se presenteava a alguém com um livro seu, dizia: "Vou agredí-lo"... E se alguém lhe dizia ter sido seu aluno ou que estudara num de seus livros, dava-lhe os pêsames...

Na sua imensa biblioteca sabia exatamente onde estava cada livro. Era mesmo comum convidar a sua assistente para uma brincadeira. Dizia-lhe ela o nome de um livro qualquer com o respectivo autor, que ela sabia com certeza que há muito tempo ele não usava. Pois ele se virava depressa e ia direto ao lugar em que estava o livro perdido, fosse qual fosse.

Geralmente essas brincadeiras ele as fazia após o almoço, quando gostava também de conversar sobre coisas do passado, enquanto fumava o seu cachimbo (cuja fumaça nunca tragava.) Adquirira o hábito do cachimbo quando, no exército, tinha de dar serviço; então fumava e lia um livro. Se alguém lhe pedia uma bibliografia sobre determinado assunto, mostrava em sua biblioteca o local onde a encontrar: "Sobre esse assunto — dizia — eu tenho dois metros de livros".

Depois que sua esposa, D. Vera, faleceu, a 9 de janeiro de 1962, ia ele todo dia 9, enquanto teve forças, ao cemitério de S. João Batista, onde ficava junto ao túmulo por uns quinze minutos, em si-

lêncio. E daí por diante passou também a sair trajado invariavelmente de preto.

Todavia, sintetizando uma existência de quase um século, ser-me-fa defeso silenciar a respeito das idéias e ideais que tão brilhantemente sustentou Mestre Delgado de Carvalho. Pelo menos perfunctoriamente me sinto no dever de as recordar pois que um homem de pensamento vale sobretudo pelo que escreveu, pelo que disse, pelo que pensou. Limitar-me-ei, porém, apenas, e para tornar menos incompleto o seu perfil, a trazer umas poucas amostras daquelas idéias e daqueles ideais retiradas de alguns preâmbulos de suas obras e dos prefácios de sua lavra, ao que me consta feitos unicamente para os livros da Professora Therezinha de Castro, que considerava como se fora sua neta.

Todos sabem que, rejeitando o método usado antigamente de memorizar topônimos, de apresentar o Brasil dividido, como um mosaico de Estados justapostos, passou Delgado de Carvalho a ensinar a nossa geografia apresentando o Brasil como um todo, e propondo, pela primeira vez, a divisão do nosso território em regiões naturais, divisão aprovada e adotada por muito tempo pelo IBGE. "O ensino da Geografia está pouco a pouco saindo das nomenclaturas memotécnicas para entrar no campo real dos estudos geográficos; em outras palavras, estamos por fim entrando na matéria. E não é sem tempo!" Assim disse o Mestre em 1941 no preâmbulo dos "Exercícios e Práticas de Geografia".

Aos escrever o livro didático "Geografia dos Continentes", em 1943, dizia Delgado de Carvalho na nota preliminar: "Quando não existem fórmulas vernáculas já vulgarizadas ou conhecidas de todos os interessados evitamos abreviar os nomes estrangeiros por causa do

perigo de cair no extremo e de apresentar palavras que atlas nenhum utiliza. Se Turquestão já é vulgarizado, como Ceilão, o mesmo já não se dá com Irão (Iran)", e que hoje deturpam mais grafando com o til. Batia-se Delgado de Carvalho pela preservação dos topônimos ainda hoje tão desrespeitados com denominações por vezes ridículas como Camarões em vez de Camerum, Antártida em vez de Antártica.

Mas também propugnava Delgado de Carvalho pela renovação do ensino da História, matéria aliás de sua especial predileção. No prefácio (de 1969) à "História da Civilização Brasileira" de Therezinha de Castro, diz o Mestre: "Quando no princípio deste século cheguei ao Brasil, tratei logo de me enfiar um pouco mais na sua História. Adquiri, então o compêndio de um eminente Professor, João Ribeiro, que futuramente iria ser meu colega no Colégio Pedro II.

Li, com prazer e proveito, seu admirável manual didático, mas estranhei que das 359 páginas (edição de 1900) só as 5 últimas se referiam à república.

De então para cá, o desejo de conhecer melhor a estrutura política, econômica e social desta nova instituição me levou a procurar livros que fizessem alusão ao regime com mais circunstâncias e comentários. A república, hoje, tem oitenta anos, mas os manuais escolares a seu respeito se limitam quase exclusivamente a mencionar nomes de presidentes e notas a respeito do que fizeram ou tentaram fazer no seu período de governo. A maior discrição é observada a respeito da explicação dos acontecimentos e de suas interrelações."

E continua Delgado de Carvalho insistindo em que a História não deve ser tão passadista a ponto de ignorar o pre-

sente; e termina aquele prefácio com a humildade que sempre o caracterizou: "Se no ocaso da minha vida, eu me permito enunciar uma opinião ousada em matéria de ensino, como que fazendo a História do Brasil sair do jardim de infância em que é mantida, não o faço para criticar meus colegas."

Uma história viva, movimentada, dinâmica e, sobretudo, científica era a que pregava Delgado de Carvalho em 1968 ao escrever: "A esse propósito eu não me posso furtar ao desejo de dizer o que penso, aos oitenta anos de idade, a respeito do chamado 'ufanismo', ainda corrente em muitas atividades educacionais de nossa terra. Desde o tempo da rainha Elizabeth I da Inglaterra até os mestres prussianos no século XIX, foi admitido que o objetivo da História era o culto do civismo. O ensino no Brasil acompanhou essa tendência generalizada de procurar na História exemplos dignificantes a serem seguidos. Não resta dúvida de que o propósito é louvável e deve ser seguido quando a ocasião se apresenta.

Mas saindo um pouco dos tradicionais, monótonos e memorizados episódios de nossa História, chegou o momento de darmos vida e interesse ao nosso passado, usando outros métodos, outros processos didáticos. O aluno no curso secundário não quer saber se Fulano de Tal foi bom ou mau, se fez bem ou se fez mal: ele quer saber o que fez e porquê; não é o exemplo que lhe interessa mas a importância relativa do fato. É por isso que quanto mais se aproximam dos nossos dias os acontecimentos estudados, mais curiosidades despertam entre os alunos, mais documentos requerem". (In prefácio da "História Documental do Brasil" de Therezinha de Castro.)

"Uma História Contemporânea, hoje em dia — diz ele noutra preâmbulo —, não pode mais ser, como tem sido entre nós, uma História quase exclusivamente européia, nitidamente separada das histórias da América e dos demais continentes. O estudante brasileiro precisa no momento atual, conhecer o mundo em que vive, em toda a sua complexidade. O problema para o professor é de não tornar essa complexidade uma história complicada. Por isso procurei equilibrar os assuntos tratados, dando à Europa um número de unidades equivalentes aos dos continentes extra-europeus — América, Ásia e África". (In "História Geral — Idade Contemporânea" — Volume III.) Neste caso procurava Delgado de Carvalho mostrar que já era tempo de nos desligarmos de uma dependência histórica inteiramente européia e olharmos mais para os demais continentes que se projetavam no âmbito das Relações Internacionais.

A história dos nossos dias era sempre defendida por Delgado de Carvalho mesmo em detrimento das eras anteriores. Assim diz ele no preâmbulo de um de seus últimos livros, "Organização Política e Social Brasileira": "Há sessenta anos a História da atualidade era tida como inútil no ensino secundário. Só se cogitava de um passado quase remoto. Não contavam os últimos trinta ou quarenta anos por serem considerados como demasiado próximos para uma justa apreciação. Em França, por exemplo, o programa oficial não se referia a nada de posterior a 1871. O resultado era que, saído do colégio, o estudante aprendia a sua custa o que havia acontecido no mundo em que ia viver e do qual o ensino da História o havia desligado. O assassinato de Henrique IV, em 1610, o tinha impressionado mais do que o do

Presidente Sady Carnot, seu contemporâneo; como se a inteligência do presente não fosse da sua conta". Não teve tempo Delgado de Carvalho de ver uma enquete feita na televisão, na véspera de sua morte, comemorando os 50 anos da Revolução de 1930, em que se perguntava a uma jovem quem fora Getúlio Vargas — ao que ela respondeu não saber quem tinha sido aquele personagem! Não foi, pois, atingido ainda o ideal de Delgado de Carvalho.

É importante que os professores de hoje compartilhem com o ideal de Delgado de Carvalho, que em seu penúltimo livro, "Relações Internacionais" (escrito em 1971 e que curiosamente nem ele na introdução, como sempre fazia, nem a editora dataram) prega: "Venho, pois, mais uma vez solicitar a atenção dos nossos jovens colegas para a necessidade de manter as novas gerações a par do que se passa no mundo em que vivemos mais do que nunca integrados, a fim de torná-los leitores prevenidos de jornais, revistas, livros e outras publicações que constituem a leitura do homem moderno. O Brasil é um país grande que se está tornando um grande país, e necessita de elites jovens para compreendê-lo, para servi-lo e para amá-lo".

Na sua "História Diplomática do Brasil" o ideal patriótico de Delgado de

Carvalho, que abominava o que se chamava de patriotada, assim se revela no preâmbulo: "Estamos em vésperas de nos tornar uma Grande Potência, e, nestas condições, de ocupar no mundo uma posição que acarreta pesadas responsabilidades. Se uma fase nova se abre assim à nossa ação internacional, os nossos diplomatas em formação precisam ter consciência de um passado que foi digno, ativo e sereno, da influência que sempre exercemos no continente, para que, no cenário mais amplo do mundo, conservemos a mesma serenidade, os mesmos princípios, e conquistemos o mesmo prestígio."

Delgado de Carvalho foi antes de tudo um inovador, um velho de espírito jovem, evoluído, que gostava de citar aos inveterados conservadores a conhecida máxima de Napoleão, de que se apropriara: "Só os imbecis é que não mudam!".

Foi um privilégio conhecê-lo de perto, conviver com ele, receber-lhe as lições, das quais a maior foi a sua própria vida, dedicada integralmente ao aprimoramento moral e intelectual dessa juventude que ele tanto amava, convicto de que destarte serviria melhor à Pátria; a essa Pátria por que se sacrificava com prazer, e que dele jamais se olvidará.

Porque amor com amor se paga.



*Eurípedes Cardoso de Menezes, ex-jornalista e professor universitário, parlamentar por 26 anos e meio, antigo presidente da Comissão de Educação da Câmara Federal, diplomado pela ESG (1972), para onde levou a tese lançada em 1956 pela professora Therezinha de Castro dos nossos direitos na Antártica e que, apresentada na tribuna do Congresso em novembro de 1970, foi vitoriosa em maio de 1975 com a acessão do Brasil ao Tratado de Washington. Conferencista em várias universidades e institutos militares de nível superior.*